

Penna, Agulha e Colher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcéa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno IX — Num. 1

Anno II

Florianopolis, 19 de Outubro de 1918

Num. 10



(INEDITO)

*A brisa pelas mattas rumoreja
vozes suaves que repete a fonte;
um ar sereno, da planície ao monte,
mais puro e grato a Creação bafeja.*

*Dormita o mar...é limpido o horizonte
e o céu azul; no solo que verdeja
ha um sonhar d'esp'rança bemfazeja
como o sorrir de um dia que desponte.*

*Paz!...O' visão celestial amada!
Vem, que t'espera a terra angustiada
no padecer de atróz anciedade...*

*Vem transformar num hymno d'alegrias
os soluços, os prantos e agoñias
da miseranda, exhausta humanidade!*

Delmiuda S Iveira

NORA SANFELICE

Paginas soltas da vida de Myriam

III

O verão declinava. Ventos frios já percorriam de quando em vez os ares. Os campos tinham perdido o verde e as flores não desabrochavam mais. Myriam tinha chegado de um passeio a cavallo, e, depois de ter entregado o animal ao creado, corraera para a sala de jantar, a fim de cumprimentar a snra. de Vendrier. Parou, porém, estupefacta, na porta, vendo a sua velha amiga a chorar. Que teria acontecido?... Mal ouviu os passos de Myriam, enxugou a snra. de Vendrier as lagrimas, e, tomando uma outra attitude, fingiu estar muito calmo. Myriam, cada vez mais intrigada com o que via, chegou-se-lhe de vagar, e, tomando lugar num almofadão a seus pés, perguntou: «Por que chorava ha pouco, mamã Marion?» E a pobre senhora, não podendo conter-se mais, abraçou-a; e, rompeno em pranto, exclamou palavras que Myriam não compre-

hendia. Passado um pouco o seu estado nervoso, a boa senhora pegou na cabecinha de Myriam e disse-lhe: «Teu pae está mal, filha e...» Um grito agudo a fez parar. «Elle morreu, morreu, ah!...» E Myriam cahiu desfallecida nos braços da snra. de Vendrier.

IV

A neve cobria a terra, qual finissimo lençol de linho. A natureza dormia. E em nenhum outro lugar poderia sentir se melhor o silencio que pairava sobre a terra, do que no cemiterio.

A porta que levava para o edificio onde se achavam as catacumbas da familia dos Chenaud-Derry abriu-se e um vulto todo de preto desapareceu por ella. O coveiro que lhe servia de guia ia accendendo as lanternas por onde passava.

Um cheiro de mofo fazia entontecer. Em linhas se achavam as catacumbas daquela velha familia de guerreiros. Emfim o coveiro parou respeitosamente em frente de um tumulo e deixou o vulto passar. Era uma moça. Ao chegar bem perto do tumulo, levantou o pesado véo de crepe que tornava invisível seu rosto e deixou-se cahir de joelhos. Com vehemencia abraçou-se então á cruz de marmore, e murmurou com labios tremulos: «Pae, meu pae!...» Era Myriam de Chenaud-Derry, que vinha visitar seu pae. Deixou pender a cabeça sobre a lousa fria e as lagrimas corriam pelo pallido rostinho. Quanto não tinha soffrido aquella pobre creança até a hora em que a veinos novamente. Com o primeiro comboio tinha deixado a villa e partido para a capital. A viagem durára um dia inteiro.

Exhausta pela fadiga e pela dôr immensa, chegou ao palacete de seu pae, mas... já era tarde!... Si tivesse chegado uma hora antes, ella teria ainda contemplado uma vez o rosto do seu querido pae, mas nem esse consolo teve a pobrezinha... Depois de um curto descanso, Myriam se dirigiu ao cemiterio.

O coveiro veio depois de algum tempo avisá-la de que devia deixar o lugar em que se achava, pois a humidade e o mau cheiro que as lugubres paredes exhalavam poderiam fazer-lhe mal. Ao pisar o pé fóra do

PENNA, AGULHA E COLHER

— Publicação semanal —
Assignaturas

Anno 2\$000

Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 1\$000.

edifício, Myriam estreitou mais o véo e caminhou cabisbaixa para a carruagem que a esperava.

Já o sol desaparecera, e a noite vinha descendo pouco a pouco. Myriam sentou-se no carro, que rodou pelas ruas desertas do arrabalde em que se achava o cemiterio, levando consigo uma jovem, orphan duas vezes...

Um quarto mal assombrado

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

Maria Ziegler, professora; Gabriela Siegler, tambem professora; Anna Capistrani; Magdalena Bel Espirit, escriptora; Joanna Macedo, dona da hospedaria; Wally, creadinha.

SCENA VI

GABRIELA — Vá em paz! (Acabemos com a briga, porque já é tarde.

JOANNA — Boa noite! (Abanando a cabeça) Essa cabecinha não regula bem. (Sae, levando o castiçal).

GABRIELA — Mas para onde vim eu?! (Pausa) Não sei o que tem madama Joanna na cabeça, que pensa e teima que eu já tenha estado neste quarto! Isto é singular!... (Pausa) Ah! só agora me lembro que não lhe pedi a ceia... (Vae á porta) Madama! Madama Joanna! Ella não ouve ou faz que não ouve, portanto é melhor ir eu mesmo procural-a, porque não posso dormir com o estomago vazio. (Sae, deixando o castiçal.)

Scena VII

Magdalena e Maria

MARIA — (perto da porta) Ouviu, mademoiselle?

MAGDALENA — De que fala a senhorita?

MARIA — Pareceu-me ouvir uma voz aqui neste quarto.

MAGDALENA — Isso não é possível!

MARIA — Eutão não ouviu mesmo?

MAGDALENA — Alguma cousa penso ter

ouvido, e hontem tambem ouvi rumor neste quarto; mas pode ser effeito de minha phantasia, porque a hospedeira contou-me que seu marido morreu nesta cama.

MARIA — Que diz? morreu nesta cama? aqui mesmo?

MAGDALENA — Ah! tambem tem medo dos mortos?

MARIA — Eu não os temo, porém não gostaria de dormir em uma cama, nem mesmo em um quarto em que tenha morrido alguém.

MAGDALENA — Pois eu sou muito medrosa! Isto é, dos vivos não tenho medo, mas dos mortos... Uma vez, quando eu estava em Sorocaba, ha cinco annos...

MARIA — (interrompendo-a) Mas o que ouvimos com certeza não é nada, não acha?

MAGDALENA — Creio que não, porque ainda não é meia-noite.

MARIA — Talvez me tenha enganado.

MAGDALENA — Sim, porém podemos ver si não se escondeu alguém por aqui.

MARIA — (toma o castiçal, e, com Magdalena, revista todo o quarto) Nada se encontra por aqui! (Alumia em baixo da cama) Aqui tambem não ha nada!

MAGDALENA — Talvez fossem os gatos!

MARIA — Não, não; os gatos não falam, D. Magdalena!

Dominios da Esphinge

QUINTO TORNEIO CHARADISTICO

(Outubro, Novembro e Dezembro)

8-9) NOVISSIMAS

Voa impellida pelo vento, sobre as ondas, a embarcação - 2, 2

A flor é linda. senhora - 1, 2

Heloisa

10-11) SYNCOPADAS

3-O animal acha-se no matto - 2

3-Carrega esta do correio - 2

Heloisa

O NOSSO RETIRO

Com as mãos levantadas para o céu, entoando um hymno de acção de graças, as Filhas de Maria pedir m-me que participasse, ás suas irmans dos outros pontos do Estado, que tiveram a dita de fazer o seu retiro annual, começado na tarde do dia 11 e terminado na manhã de 15, com uma solenne communhão geral.

190 moças e meninas tomaram parte nos

santos exercicios, que se realizaram, como sempre, no Collegio Coração de Jesus, posto á disposição das Filhas de Maria pelas abnegadas Irmãs da Divina Providencia, que são incansaveis nesses dias em que tanta lida não lhes deixa um momento de descanso.

Que o bom Deus as recompense largamente, já que nós não o podemos fazer !

Para o abnegado Director das Filhas de Maria, Revmo. Frei Evaristo, tambem pedimos abundantes bençãos e graças, pois é a unica recompensa que lhe podemos dar.

A gratidão, Filhas de Maria, é uma bella, uma grande virtude. Sejamos, portanto, agradecidas: a Deus, nosso bom e carinhoso Pai, por nos ter proporcionado a graça do santo retiro; aos nossos pais, por nos terem permittido fazel-o; ao nosso Director, pelo muito que se afadigou para approximar-nos mais de Jesus, fortalecendo-nos assim para o combate que só termina com a morte; e ás desveladas Irmãs, por tudo quanto por nós fizeram, desinteressada e bondosamente.

Sim, irmãs carissimas, sejamos gratas, amando e respeitando os nossos bemfeitores.

Não ficareis vós sentidas, si, depois de um beneficio feito a alguém, esse *alguém* vos pagasse com o indifferentismo, o esquecimento ?

Não façais, portanto, aos bemfeitores, o que não querieris que vos fizessem a vós !

A ingratidão dóe, a ingratidão faz soffrer !

Lembrai-vos de Deus muitas vezes no dia, com um momentaneo acto de amor; lembrai-vos de vossos pais e bemfeitores, venerando-os e rezando por elles de vez em quando.

Si assim fizerdes, não sereis esquecidas do bom Deus, nem, no futuro, daquellas pessoas que vos deverem algum bem, e sereis felizes !

Zenir Alcêa

Amor e sacrificio

A's Filhas de Maria

Finis venit, venit finis...

Sim, irmãs muito amadas, chegou tambem o fim do santo retiro ! Foram-se, para o abysmo do passado... foram-se esses dias abençoados em que nosso coração, esquecendo-se completamente do mundo, só pulsa para o Divino Mes.re, seu Deus, seu Salvador.

Ah ! si não souberamos que aqui estamos, neste valle de lagrimas, para trabalharmos e soffreremos mais do que gosarmos, como desejaríamos que esses dias de paz e socego se repetissem muitas vezes no anno !

Minha alma engrandece ao Senhor !

*Eu quizera deixar por estas salas
A mui doce impressão das horas calmas
Passadas na oração, e no retiro
Que a paz vem trazer ás nossas almas.*

*E a suave harmonia desses cantos
Tão repassados de sublime unção,
Echoando sonoros na capella,
Eu quizera levar no coração.*

*E eu quizera tambem dessas Irmãs,
Esses anjos só feitos de bondade,
Pintar em vivas, cambiantes côres,
A fineza de tanta caridade.*

*E desse Amigo, desvelado Guia,
Que as verdades eternas nos mostrou,
Desse Pai carinhoso, que ao céu
Nossas almas fieis encaminhou,*

*Eu quizera cantar em hymnos ledos,
Na mais bella, mais pura melodia,
O grande affecto a que elle tem direito
De nós todas, das Filhas de Maria.*

*Eu quizera pedir a cada uma
A viridente flor da gratidão,
P'ra desse Aposto do bem, da verdade
Ornamentar o grande coração.*

*Não fôra fraca a voz da creatura,
Cantar tambem, ó Mãe, desejaria
Tua materna, santa protecção,
O' Mãe, fecunda causa de alegria !*

*Acceita então, em troca, este protesto,
O' Mãe de Deus e minha Mãe tambem:
Fieis seremos sempre ao teu Jesus !
Jamais olvidaremos tanto bem !*

*O santo tribunal, o Tabernaculo,
O sacro Altar e do Senhor a Mesa
Serão as nossas fontes de alegria,
Onde buscar iremos a firmeza.*

*Depois então, ó nossa Mãe querida,
Deixa-nos contemplar o teu sorriso
E entoar com o côro angelical
O «Magnificat» lá no Paraiso !*

Isaura V. de Faria

15 de Outubro, fim do retiro de 1918.

E não sou eu só quem o diz: muitas de vós, bem o sei, teriam o mesmo santo desejo, si os deveres de filhas não vos chamassem á realidade da vida !...

Filhas de Maria, eis o que me fez pegar hoje na penna: quizera dar-vos uma lembrança do retiro deste anno, e melhor lembrança

ça não achei: recordando as palavras do santo prégador, enfeixei-as, e, amarrando-as com um laço de fita azul, o signal por que nos conhecem, gravei, nas pontas dessa fita —*amor e sacrificio*.

Amor e sacrificio, eis, pois, a minha lembrança!

Amor!

Sim, amai, Filhas de Maria!

Amai a Deus, nosso Creador, Pai e Redemptor, porque, amando-o, não o offendeis; amai o proximo, amai a virtude, amai o trabalho!

Sacrificio!

Ah! esta palavra não agrada sinão ás grandes almas; porém... por que não experimentarmos tornal-a nossa amiga, agora que estamos mais fortes para a luta?

Fazemos retiro para prover-nos de força e energia, que é renhida e ininterrupta a luta contra nós mesmos... Por que não nos aproveitarmos, então, do vigor que ora anima nossa alma?...

Não é mister que façamos grandes sacrificios; os pequeninos tambem agradam ao Divino Mestre, e tambem nos tornam mais amáveis, mais caridosas, mais solícitas, mais perfeitas no cumprimento dos nossos deveres... comtanto que os façamos *com alegria*, pois que o ser alegre é um dos predicados dos amigos de Deus!

Amor e sacrificio, pois!

Si nos lembrarmos sempre destas duas palavras, carissimas irinãs, nunca mancharemos o nosso bello titulo, e Maria, a Mãe muito amada, cobrir-nos-á, constantemente, com o manto de sua protecção!

Amor... sacrificio...

Mary

Diario da Filha de Maria

A todos os nossos pensamentos, a todas as nossas atrições, a todos os nossos sentimentos—Deus uniu a *acção* como uma necessidade:

à *piedade*—o culto com sua oração formada no coração, mas escapando-se dos labios, e com seus actos materiaes de respeito, humildade e submissão;

ao *amor*—o cuidado da familia, cuidados de todos os dias, que requerem o emprego de todos os membros e de todas as faculdades;

à *dedicação*—a doce necessidade de nos darmos aos outros, e principalmente ao pobre, que o bom Deus collocou perto de nós para o ajudarmos.

Deus nosso Senhor não se contenta, pois, com o *pensamento*, que, apesar de brilhan-

te, ás vezes, esvae-se como o sonho, porque não é nada!

O pensamento é o *calor*; a acção, o *fogo*; o sonho, a *fumaça*!

11) *ANCILLA DOMINI*

O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

Ah! Cecy! não sei si poderás avaliar o que eu soffria então! Como já te disse, era um culto fanatico de respeitoso amor que na infancia eu dedicava áquella que me déra o ser.

Amor de mãe, era em meu cerebro juvenil cousa quasi di ina! amor capaz de resistir firme a todos os embates da vida, unico amor, desinteressado e puro! Calcula, filha, quão cruel foi a decepção!

Faltasse-me a fé o maior amigo, recebesse eu afrontas do mais intimo companheiro, tudo seria menos doloroso do que a crueldade materna, principalmente por se atacar ella á esposa adorada, que eu estimava mil vezes mais do que á minha propria vida!

Não, não, Cecilia! é triste a orphandade, mas nada é em comparação á angustia cruciante que nos causa a repulsa injusta e cruel do ente em que se depositou um dia confiança filial!

(Meu pae e eu chorávamos. Quando recuperou a calma, proseguiu elle:)

Tua pobre mãe tudo fazia para me suavizar tão grande magoa, e muitas vezes sorri alegre e feliz, apesar desses dissabores.

Cecilia ia de novo ser mãe. Nossa situação financeira, cada vez mais precaria, e a delicadeza de sua saude davam-me graves cuidados. Nisso, 4 mezes antes de teu nascimento, morre de typho o pae adoptivo de minha mulher, e a viuva, que contrahirá o mesmo mal, seguiu de perto á sepultura o companheiro fiel de sua vida. Era um casal unido por laços de amor que a idade não abalára. Meus sogros eram ambos catholicos exemplares e tiveram um fim edificante. Devo dizer-te que o exemplo d'aquelle virtuoso par havia calado em meu espirito, e a piedade de Cecilia completou a minha conversão: fui um catholico ás direitas.

Com a morte de seus paes, teve tua mãe tal abalo que recet pela sua vida. Cecilia, porém, sob apparencia franzina e extremamente delicada, possuia inquebrantavel vontade para o bem; comprehendeu que não podia entregar-se á tristeza, reagiu, procurou conservar a saude, da qual uma nova vida dependia.